Diversitas Journal
ISSN 2525-5215
Volume 11, Número 4 (Out./Dec. 2026) p. 001– 028
https://diversitasjournal.com.br/diversitas_journal

Imagining to Include: Educational Reflections Based on the Anne with an E Series.

Imaginar para Incluir: Reflexões educacionais a partir da serie Anne com E.

ARAUJO, Arthur Ayac Silva[1]; REIS, Divanir Maria de Lima[2]
SILVA, Luciana Simão Vieira[3]

[1] 0000-0003-0236-9955; Instituto Federal de Alagoas. Santana do Ipanema, Alagoas (AL), Brasil.
Autor correspondente Email: arthur.ayac.lanza@gmail.com

[2] 0000-0003-0989-9641-; Instituto Federal de Alagoas. Santana do Ipanema, Alagoas (AL), divanir.lima@ifal.edu.br

[3] 0000-0009-0009-9517-; Instituto Federal de Alagoas. Santana do Ipanema, Alagoas (AL), Brasil. l3@aluno.ifal.edu.br

O conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos/as seus/as autores/as.

A B S T R A C T

This study aims to analyze the pedagogical reflections presented in the series Anne with an E, through a qualitative approach of a bibliographic and interpretative nature, grounded in authors who discuss teaching practice, inclusive processes, and the development of creativity in education. Set in the late nineteenth century, the series portrays a traditional and exclusionary educational system in which the protagonist, Anne Shirley, stands out for her imagination, intelligence, and sensitivity in the face of school and social challenges. The narrative raises discussions about the role of the teacher, social prejudice, the difficulties faced by students who do not conform to the standards of the time, and the ways in which the school environment may or may not contribute to the development of students' autonomy and self-esteem. The analysis focuses on the relationships between Anne and her teachers, the experiences lived within the school setting, and the pedagogical elements that either approximate or diverge from contemporary teaching approaches. As a result, aspects that contribute to a more inclusive teaching practice are identified, such as attentive listening, the welcoming of differences, the encouragement of critical thinking, and the appreciation of subjectivity. The study demonstrates how the character's trajectory can inspire educators to rethink their practices, fostering a more meaningful, empathetic, and transformative education. It is concluded that Anne with an E goes beyond the limits of a fictional work and constitutes a rich material for pedagogical reflection, as it raises issues that remain relevant in the current educational context, such as the struggle against exclusion, the defense of the right to education, and the importance of methodologies that value creativity and freedom of expression.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Histórico do Artigo:
Submetido: 12/02/2026
Aprovado: 01/11/2026
Publicação: 10/11/2026

CC BY

Keywords:
educational inclusion, teacher education, critical pedagogy, imagination in learning, hidden curriculum

R E S U M O

A presente pesquisa tem como objetivo analisar as reflexões pedagógicas presentes na série Anne with an E, a partir de uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e interpretativo, fundamentada em autores que discutem a prática docente, os processos inclusivos e o desenvolvimento da criatividade na educação. A série, ambientada no final do século XIX, retrata um sistema educacional tradicional e excludente, no qual a protagonista Anne Shirley se destaca por sua imaginação, inteligência e sensibilidade diante dos desafios escolares e sociais. A narrativa apresenta discussões sobre o papel do professor, o preconceito social, as dificuldades enfrentadas por alunos que não se enquadram nos padrões da época, e a forma como o ambiente escolar pode contribuir ou não para a construção da autonomia e autoestima dos estudantes. A análise se concentra nas relações entre Anne e seus professores, nas experiências vivenciadas no espaço da escola e nos elementos pedagógicos que se aproximam ou se distanciam das abordagens contemporâneas de ensino. Como resultado, identificam-se aspectos que contribuem para uma prática docente mais inclusiva, como a escuta sensível, o acolhimento das diferenças, o incentivo ao pensamento crítico e a valorização da subjetividade. O estudo evidencia como a trajetória da personagem pode inspirar educadores a repensarem suas práticas, promovendo uma educação mais significativa, empática e transformadora. Conclui-se que Anne with an E ultrapassa os limites de uma obra ficcional e se configura como um material rico para reflexões pedagógicas, pois levanta questões ainda pertinentes no contexto educacional atual, como a luta contra a exclusão, a defesa do direito à educação e a importância de metodologias que valorizem a criatividade e a liberdade de expressão.

Palavras-Chave:
inclusão escolar, formação docente, pedagogia crítica, imaginação na aprendizagem, currículo oculto

DOI: 10.48017/dj.v11i4.3921

Introdução

A série televisiva *Anne with an E*, inspirada no clássico literário *Anne of Green Gables*, de Lucy Maud Montgomery, ambienta-se no final do século XIX e acompanha a trajetória de Anne Shirley, uma jovem órfã marcada por imaginação vívida, sensibilidade e notável capacidade intelectual. Inserida em uma comunidade rural conservadora, a protagonista enfrenta situações de preconceito, rejeição e dificuldades de adaptação a padrões sociais e educacionais rígidos. Ao longo da narrativa, são apresentadas diferentes concepções de educação, relações entre professores e estudantes e conflitos que evidenciam como as instituições escolares podem tanto reproduzir desigualdades quanto favorecer experiências de acolhimento, autonomia e desenvolvimento humano. Embora situada em um contexto histórico específico, a produção mobiliza questões que permanecem relevantes para a educação contemporânea, especialmente no que se refere à inclusão escolar, à valorização das diferenças e à construção de práticas pedagógicas comprometidas com a formação integral dos estudantes.

Nesse cenário, as produções audiovisuais podem ser compreendidas como manifestações culturais que ultrapassam o entretenimento e oferecem possibilidades de reflexão sobre os processos educativos e as relações sociais. A televisão, o cinema e outras formas de narrativa visual participam da construção de representações sobre a escola, o conhecimento, a infância e o papel dos professores. Buckingham (2003) destaca a importância da educação para as mídias, compreendendo que a relação dos sujeitos com os conteúdos midiáticos envolve não apenas o consumo de informações, mas também a capacidade de interpretar criticamente suas representações e significados. Sob essa perspectiva, a análise de uma produção audiovisual pode constituir uma oportunidade de problematizar concepções de educação, identificar valores sociais presentes nas narrativas e estabelecer relações com situações vivenciadas nos contextos escolares.

Essa compreensão aproxima-se da perspectiva de Giroux e Simon (1988), que discutem as relações entre cultura popular e pedagogia crítica, reconhecendo que as manifestações culturais constituem espaços nos quais circulam conhecimentos, valores e disputas de significado. Os autores defendem a importância de considerar a cultura popular nos processos de reflexão educacional, especialmente por sua capacidade de provocar questionamentos sobre as relações entre conhecimento, poder e experiência cotidiana. Nessa direção, a série *Anne with an E* apresenta elementos que permitem discutir diferentes concepções de escola e de docência, evidenciando como determinadas práticas podem reforçar padrões de comportamento e silenciar individualidades, enquanto outras favorecem a participação, a criatividade e o reconhecimento das particularidades dos estudantes.

A utilização de narrativas audiovisuais na formação docente também pode contribuir para a análise crítica das representações sociais sobre professores, estudantes e instituições escolares. Vandermeersche, Soetaert e Rutten (2013), ao investigarem as representações do ensino e da docência no cinema, demonstram que as narrativas cinematográficas oferecem possibilidades de discussão sobre estereótipos educacionais e diferentes concepções pedagógicas. Essa abordagem permite compreender que as representações ficcionais não devem ser tomadas como retratos necessariamente fiéis da realidade escolar, mas podem funcionar como pontos de partida para problematizar práticas, valores e expectativas relacionadas ao trabalho docente. Assim, a trajetória de Anne possibilita ao espectador estabelecer relações entre situações ficcionais e questões concretas da educação, favorecendo uma leitura crítica das relações estabelecidas no espaço escolar.

Entre as questões evidenciadas pela narrativa, destaca-se a tensão entre modelos educacionais fundamentados na disciplina rígida, na padronização e na transmissão unilateral de conhecimentos e perspectivas pedagógicas que valorizam a autonomia e a participação dos estudantes. Essa discussão encontra respaldo em Freire (1996), que critica a concepção bancária de educação e defende uma prática educativa fundamentada no diálogo, na reflexão crítica e no reconhecimento dos estudantes como sujeitos do processo de aprendizagem. A experiência escolar retratada em Avonlea permite problematizar práticas nas quais a autoridade docente se sobrepõe à escuta e à participação, dificultando a expressão das individualidades. Em contraposição, as experiências pedagógicas representadas por determinados personagens evidenciam a possibilidade de estabelecer relações educativas mais dialógicas, nas quais o conhecimento se constrói mediante interação, respeito e valorização das experiências dos sujeitos.

A discussão sobre inclusão escolar amplia essa reflexão ao considerar que o direito à educação não se limita ao acesso e à permanência física nas instituições, mas envolve condições efetivas de participação e aprendizagem. Booth e Ainscow (2011) compreendem a inclusão como um processo de transformação das culturas, políticas e práticas escolares, orientado pela identificação e superação das barreiras que dificultam a aprendizagem e a participação. Em consonância com essa perspectiva, Florian e Black-Hawkins (2011) discutem a pedagogia inclusiva como uma abordagem que busca ampliar as oportunidades educativas para todos os estudantes, reconhecendo a diversidade como elemento constitutivo da experiência escolar. Essas contribuições permitem compreender que a construção de ambientes inclusivos exige mudanças nas concepções pedagógicas e nas relações estabelecidas cotidianamente entre professores, estudantes e comunidade escolar.

A importância da formação docente nesse processo também é evidenciada por Dal Bó et al. (2022), que, ao sistematizarem pesquisas de mestrado e doutorado sobre formação de professores e inclusão escolar, destacam a formação docente, a criatividade e o trabalho

colaborativo como elementos relevantes para o desenvolvimento de práticas pedagógicas comprometidas com as singularidades dos estudantes. De maneira complementar, Ainscow (2020) ressalta que a promoção da inclusão e da equidade educacional exige a identificação das barreiras à participação e à aprendizagem, bem como a transformação das condições institucionais que sustentam processos de exclusão. O relatório Inclusion and Education: All Means All, publicado pela UNESCO (2020), também reforça a necessidade de enfrentar desigualdades que interferem nas oportunidades educacionais, evidenciando que a inclusão constitui um compromisso que envolve diferentes dimensões dos sistemas de ensino.

Essas discussões encontram correspondência nas experiências vivenciadas por Anne e pelas demais personagens, cujas trajetórias revelam como preconceitos relacionados à origem social, ao gênero, à condição econômica e às diferenças individuais interferem nas relações de pertencimento e reconhecimento. A concepção de inclusão defendida por Mantoan (2003) contribui para compreender a necessidade de superar práticas homogeneizadoras e reorganizar os processos educativos de modo que as diferenças sejam reconhecidas como parte da condição humana. Desse modo, a análise da série permite discutir a escola não apenas como espaço de transmissão de conteúdos, mas como instituição responsável pela construção de relações sociais, pela promoção da participação e pelo reconhecimento dos sujeitos em suas múltiplas dimensões.

Outro aspecto relevante da narrativa refere-se à imaginação e à criatividade como dimensões importantes do desenvolvimento e da aprendizagem. A protagonista frequentemente utiliza a imaginação para atribuir novos significados às experiências cotidianas, construir vínculos e enfrentar situações de rejeição. Essa característica, por vezes interpretada pelos demais personagens como inadequação às normas sociais, permite problematizar concepções de ensino que restringem a aprendizagem à reprodução de conteúdos e comportamentos.

Vygotsky (2009) compreende a imaginação como uma função psicológica relacionada à experiência e à capacidade humana de criar novas combinações a partir de elementos da realidade. Nessa perspectiva, a criatividade não representa afastamento do conhecimento, mas uma possibilidade de reorganizar experiências, elaborar significados e ampliar as formas de compreensão do mundo. A discussão também pode ser aproximada das contribuições de Dewey (2010), para quem a experiência constitui dimensão fundamental da relação entre os sujeitos e os processos de aprendizagem.

Diante dessas questões, torna-se relevante compreender como as representações presentes em *Anne with an E* podem contribuir para a reflexão sobre a formação docente e a construção de práticas pedagógicas inclusivas. A escolha da série como objeto de análise justifica-se pela diversidade de situações educativas e sociais que apresenta, permitindo discutir criticamente diferentes concepções de ensino, relações de poder, processos de exclusão

e possibilidades de transformação das práticas escolares. Além disso, a articulação entre narrativa audiovisual e referenciais teóricos da educação oferece uma oportunidade de ampliar o debate sobre o uso de produções culturais como recursos para a reflexão crítica na formação inicial e continuada de professores.

A partir dessa perspectiva, o presente estudo é orientado pela seguinte questão de pesquisa: de que maneira as práticas educativas, as relações interpessoais e os processos de inclusão e exclusão representados na série Anne with an E contribuem para a reflexão crítica sobre a formação docente e a construção de práticas pedagógicas inclusivas? Para responder a essa questão, o objetivo geral consiste em analisar as reflexões pedagógicas suscitadas pela narrativa audiovisual, considerando as práticas educativas representadas, as relações estabelecidas no ambiente escolar e os processos de inclusão e exclusão vivenciados pelas personagens.

Ao articular a análise da obra audiovisual com referenciais teóricos da educação, o artigo busca contribuir para as discussões sobre formação docente, inclusão escolar e valorização da imaginação nos processos educativos. Pretende-se, ainda, evidenciar como as representações ficcionais podem favorecer questionamentos sobre práticas tradicionais e estimular a reflexão acerca de uma educação comprometida com a diversidade, a autonomia, a escuta e o reconhecimento das singularidades dos estudantes.

Referencial Teórico

Educação tradicional, autoridade docente e pedagogia crítica

A compreensão das práticas educativas representadas em Anne with an E exige uma reflexão sobre os diferentes modos de exercer a docência e de organizar as relações entre professores e estudantes. Em modelos tradicionais de ensino, a autoridade docente pode ser associada à centralização das decisões, à transmissão vertical dos conhecimentos e à expectativa de que os estudantes reproduzam conteúdos e comportamentos previamente estabelecidos. Nessa perspectiva, o processo educativo tende a atribuir ao professor a posição de principal detentor do conhecimento, enquanto aos alunos cabe, predominantemente, ouvir, memorizar e responder ao que lhes é solicitado.

Em contraposição a essa concepção, Freire (1996) defende uma educação fundamentada no diálogo, na problematização e no reconhecimento dos estudantes como sujeitos históricos e participantes do processo de aprendizagem. Para o autor, ensinar não significa apenas transferir conhecimentos, mas criar possibilidades para sua construção. Essa compreensão não elimina a autoridade do professor, mas questiona o autoritarismo e a ideia de que a aprendizagem deve acontecer por meio da obediência e da reprodução passiva. O educador assume, portanto, a responsabilidade de mediar o conhecimento, estimular a reflexão e considerar os saberes e as experiências dos educandos.

Essa perspectiva permanece relevante nas discussões contemporâneas sobre a prática pedagógica. Ramalho (2022), ao sistematizar elementos da pedagogia do oprimido, destaca a dimensão dialógica da proposta freireana e sua relação com processos formativos que favorecem a participação e o protagonismo dos sujeitos. Desse modo, a educação pode ser compreendida como uma prática que ultrapassa a transmissão de conteúdos, uma vez que também envolve a leitura crítica da realidade e a possibilidade de transformação das relações sociais.

Pesquisas internacionais recentes também contribuem para essa discussão ao evidenciarem a importância do diálogo nas interações cotidianas entre professores e estudantes. Taylor e Hikida (2020), ao analisarem práticas de sala de aula a partir de uma abordagem crítica, demonstram que o diálogo e a problematização são construídos nas interações entre os sujeitos, e não apenas pela intenção previamente declarada pelo professor. Isso indica que uma prática pedagógica crítica depende da maneira como os participantes podem expressar ideias, questionar perspectivas e construir sentidos durante as atividades escolares.

Na mesma direção, Barak e Lefstein (2022) discutem os desafios de estabelecer condições para o diálogo em ambientes educativos democráticos. Os autores chamam atenção para a necessidade de considerar não somente a participação dos estudantes, mas também a forma como as regras e os acordos de convivência são construídos e como podem regular as relações dentro da sala de aula. Assim, uma educação comprometida com a participação exige que a autoridade docente seja exercida com responsabilidade, abertura à escuta e disposição para reconhecer diferentes posicionamentos.

Guzmán e Larrain (2024), ao investigarem a transformação das práticas pedagógicas em direção ao ensino dialógico, também evidenciam que a adoção dessa perspectiva envolve processos de aprendizagem e reflexão por parte dos professores. Não basta defender a participação discente em termos teóricos: é necessário desenvolver práticas que possibilitem a circulação de ideias, a argumentação e a construção compartilhada do conhecimento. Essa discussão reforça a importância da formação docente como processo contínuo, no qual as concepções de ensino podem ser questionadas e reconstruídas.

Diante dessas contribuições, compreende-se que a autoridade docente não precisa ser confundida com imposição ou controle absoluto. O professor exerce uma função fundamental na organização do trabalho pedagógico, mas essa responsabilidade pode ser articulada ao diálogo, à escuta e ao reconhecimento das singularidades dos estudantes. Essa distinção é importante para a análise de Anne with an E, uma vez que a narrativa apresenta diferentes formas de atuação docente e permite refletir sobre como determinadas práticas podem limitar a participação dos alunos, enquanto outras favorecem a autonomia, a criatividade e o envolvimento com a aprendizagem.

Inclusão escolar, diversidade e pertencimento

A educação inclusiva compreende o reconhecimento da diversidade humana como elemento constitutivo do ambiente escolar. Nessa perspectiva, a escola deve assegurar condições para que todos os estudantes tenham acesso ao conhecimento, participem das atividades pedagógicas e sejam reconhecidos em suas singularidades. Isso significa compreender que a inclusão não se limita à matrícula ou à presença física do estudante na instituição, mas envolve sua participação efetiva nas experiências de aprendizagem e nas relações estabelecidas no cotidiano escolar.

Mantoan (2003) argumenta que a inclusão exige uma transformação na organização da escola e nas concepções que orientam o trabalho pedagógico. Para a autora, não é o estudante que deve se adaptar a um modelo escolar rígido e previamente estabelecido; é a instituição que precisa rever suas práticas para acolher as diferenças. Essa compreensão questiona padrões de ensino que classificam os alunos a partir de suas dificuldades e propõe uma educação comprometida com a valorização das potencialidades individuais.

No contexto brasileiro, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) estabelece a educação como direito da pessoa com deficiência, assegurando um sistema educacional inclusivo em todos os níveis e modalidades. Embora a legislação represente um importante avanço, sua efetivação depende de mudanças nas práticas institucionais, na formação dos profissionais e nas condições oferecidas para a aprendizagem. Dessa forma, a inclusão precisa ultrapassar o campo das garantias legais e se concretizar nas relações e experiências vivenciadas pelos estudantes.

Estudos recentes reforçam que a construção de práticas inclusivas ainda enfrenta desafios relacionados à formação docente, à infraestrutura escolar e à permanência de concepções tradicionais de ensino. Pereira e Coutinho (2023), em uma revisão sistemática sobre as práticas pedagógicas na educação inclusiva no Brasil, identificaram obstáculos que dificultam a efetivação da inclusão, especialmente quanto à formação dos professores e às condições estruturais das instituições. Os autores também apontam a presença de práticas tradicionais no cotidiano escolar, evidenciando a distância que pode existir entre os princípios inclusivos e sua realização em sala de aula.

Na mesma direção, Franco e Freitas (2022) destacam a importância da formação de professores e da pesquisa-ação para o desenvolvimento de práticas pedagógicas na educação especial. A discussão evidencia que a inclusão não deve ser compreendida como uma responsabilidade exclusiva de profissionais especializados, mas como um compromisso coletivo que envolve a comunidade escolar e exige reflexão permanente sobre as estratégias de

ensino. O trabalho colaborativo e a formação continuada tornam-se, portanto, fundamentais para identificar barreiras e construir alternativas que atendam à diversidade dos estudantes.

Outro aspecto importante é a relação entre inclusão e pertencimento. Estar na escola não significa, necessariamente, sentir-se acolhido ou reconhecido por seus colegas e professores. As relações interpessoais, as expectativas construídas sobre os estudantes e as oportunidades de participação influenciam diretamente a maneira como cada sujeito vivencia o ambiente escolar. Nesse sentido, práticas discriminatórias, apelidos, isolamento e desvalorização das diferenças podem produzir experiências de exclusão mesmo dentro de instituições que se apresentam formalmente como inclusivas.

A revisão sistemática de Marconi, Santos e Costa (2021), dedicada à produção científica brasileira sobre escola inclusiva e políticas educacionais, evidencia a necessidade de aproximar as disposições legais das condições concretas de funcionamento das instituições de ensino. Essa discussão permite compreender que a inclusão depende não apenas da existência de políticas públicas, mas também de sua tradução em ações pedagógicas e institucionais capazes de enfrentar as diferentes formas de exclusão.

Assim, a educação inclusiva deve ser compreendida como um processo contínuo de reconhecimento das diferenças, enfrentamento de preconceitos e construção de oportunidades de participação. Essa perspectiva contribui diretamente para a análise de Anne with an E, uma vez que a narrativa apresenta personagens que vivenciam situações de rejeição, discriminação e dificuldade de pertencimento. As experiências de Anne, Cole e Ka'kwet, por exemplo, permitem refletir sobre como características individuais, diferenças culturais e expectativas sociais podem influenciar as relações escolares e os processos de inclusão e exclusão. A série, portanto, oferece elementos para discutir a responsabilidade da escola na construção de ambientes que respeitem a diversidade e reconheçam cada estudante como sujeito de direitos.

Imaginação, criatividade e aprendizagem

A imaginação e a criatividade desempenham um papel importante nos processos de aprendizagem, pois permitem que os estudantes estabeleçam relações entre conhecimentos, experiências e situações do cotidiano. No ambiente escolar, essas capacidades não devem ser compreendidas como características restritas às atividades artísticas ou como habilidades presentes apenas em determinados indivíduos. Elas também participam da resolução de problemas, da elaboração de hipóteses, da expressão de ideias e da construção de diferentes formas de compreender a realidade.

Na perspectiva histórico-cultural, Vygotsky (2009) compreende a imaginação como uma atividade humana relacionada às experiências vividas. A criação não surge de maneira isolada ou desvinculada do mundo social; ela se desenvolve a partir da combinação e da

reelaboração de elementos da realidade. Assim, a imaginação permite que o sujeito ultrapasse aquilo que já conhece, estabelecendo novas possibilidades a partir de suas vivências. No contexto educativo, essa compreensão evidencia que as experiências dos estudantes constituem uma base importante para o desenvolvimento da criatividade e para a construção de conhecimentos.

Essa discussão permanece atual nas pesquisas sobre aprendizagem escolar. Santos e Ramos (2025), ao investigarem a imaginação criadora na educação infantil, destacam a importância de práticas docentes intencionalmente planejadas para favorecer a imaginação no cotidiano escolar. As autoras apontam que experiências lúdicas e interacionais podem contribuir para a aprendizagem e o desenvolvimento infantil, ressaltando também a necessidade de considerar a percepção das próprias crianças sobre suas experiências. Dessa forma, a imaginação não deve ser tratada como um elemento secundário do processo educativo, mas como uma dimensão que pode ser estimulada por meio de propostas pedagógicas significativas.

A criatividade também está relacionada à maneira como o professor organiza as experiências de aprendizagem. Em vez de limitar o trabalho pedagógico à reprodução de respostas previamente determinadas, o educador pode propor situações que estimulem a curiosidade, a investigação, a experimentação e a elaboração de diferentes soluções. Leontjev e deBoer (2022) discutem o papel do professor como organizador de ambientes de aprendizagem que favorecem o desenvolvimento dos estudantes, considerando tanto a iniciativa dos próprios aprendizes quanto a mediação docente. Essa perspectiva reforça que a criatividade não depende apenas da liberdade concedida aos alunos, mas também das condições pedagógicas construídas para que possam explorar e desenvolver suas ideias.

Uma revisão configurativa publicada por Whitton et al. (2025) amplia essa discussão ao analisar diferentes abordagens da aprendizagem criativa. Os autores identificam dimensões como a autonomia do estudante, o envolvimento afetivo, as relações de colaboração e a aprendizagem por meio da experiência e da produção. Esses elementos demonstram que aprender criativamente envolve mais do que realizar atividades diferentes: significa participar ativamente da construção do conhecimento, relacionar saberes e atribuir sentido ao que se aprende.

Desse modo, a imaginação e a criatividade precisam ser consideradas dimensões relevantes da formação dos estudantes e da prática docente. Quando a escola valoriza a curiosidade, a expressão individual e a possibilidade de experimentar diferentes caminhos para aprender, amplia as oportunidades de participação e de construção de conhecimentos. O professor, nesse processo, assume o papel de mediador e organizador de experiências que favoreçam a autonomia intelectual, sem deixar de oferecer orientação e intencionalidade pedagógica.

Essa compreensão contribui para a análise de Anne with an E, especialmente na observação da maneira como Anne utiliza a imaginação para interpretar o mundo, expressar sentimentos e atribuir novos significados às experiências vividas. Sua postura questionadora e criativa permite refletir sobre práticas educativas que valorizam a participação e reconhecem diferentes formas de aprender. A narrativa também possibilita discutir como ambientes escolares excessivamente rígidos podem limitar a expressão dos estudantes, enquanto propostas pedagógicas abertas ao diálogo e à criatividade podem favorecer o envolvimento com o conhecimento.

Essa discussão pode ser observada na primeira temporada da série, no terceiro episódio, intitulado *But What Is So Headstrong as Youth?*, em uma cena na qual os estudantes são convidados a realizar a leitura oral de um poema em sala de aula. Quando chega sua vez, Anne demonstra entusiasmo e interpreta o texto com expressividade, utilizando sua sensibilidade e imaginação para atribuir significado à leitura. Embora sua participação desperte a atenção dos colegas, o professor interrompe sua apresentação e solicita que ela se sente. A cena permite refletir sobre uma prática escolar que nem sempre acolhe as diferentes formas de expressão dos estudantes, evidenciando o contraste entre a criatividade de Anne e uma organização pedagógica marcada pela rigidez e pelo controle da participação. Assim, a sequência dialoga com a discussão sobre a importância de ambientes educativos que valorizem a expressão, a imaginação e o envolvimento dos estudantes com o conhecimento.

Currículo oculto, relações de poder e marcadores sociais da exclusão

A escola não é apenas um espaço de transmissão de conhecimentos sistematizados. Em seu cotidiano, também são construídos valores, comportamentos, expectativas e formas de relacionamento que influenciam a formação dos estudantes. Muitas dessas aprendizagens não aparecem explicitamente nos conteúdos curriculares ou nos planejamentos pedagógicos, mas são transmitidas por meio das regras, das interações, dos discursos e das práticas institucionais. Essa dimensão da experiência escolar está relacionada ao conceito de currículo oculto.

Barrios Gonzales (2020) discute o currículo oculto a partir das relações sociais estabelecidas no cotidiano escolar, destacando que as práticas e interações presentes na instituição também comunicam valores e concepções sobre os sujeitos e a sociedade. A autora evidencia que a educação em direitos humanos precisa considerar não apenas os conteúdos formalmente ensinados, mas também as relações vivenciadas pelos estudantes. Dessa forma, atitudes de respeito, discriminação, silenciamento ou valorização das diferenças podem ser aprendidas nas experiências diárias da escola.

A relação entre currículo e poder também é discutida por Vitiello e Cacete (2021), que compreendem o currículo como um campo atravessado por disputas e intencionalidades. A

seleção dos conhecimentos considerados relevantes, assim como a ausência ou invisibilidade de determinados temas, não é neutra. As escolhas curriculares expressam concepções de sociedade e podem contribuir tanto para a reprodução de desigualdades quanto para o questionamento de determinadas formas de organização social. Nesse sentido, analisar o currículo significa observar não somente aquilo que é ensinado, mas também quais experiências, identidades e conhecimentos recebem reconhecimento no espaço escolar.

Essa discussão torna-se especialmente importante quando se consideram as relações de gênero. Freire (2019), ao investigar as implicações do currículo nas relações sociais de gênero entre estudantes do ensino fundamental, demonstra que as experiências escolares participam da construção de comportamentos, valores e representações sobre o masculino e o feminino. A autora evidencia que as relações de gênero também se manifestam nas interações cotidianas e nas formas como os conflitos são conduzidos pelos profissionais da educação. Assim, a escola pode tanto reproduzir padrões e desigualdades quanto criar oportunidades para questioná-los.

As discussões sobre gênero e sexualidade no contexto escolar também aparecem na revisão sistemática de Santana, Messias e Pinho (2021), que mapeia a produção acadêmica brasileira sobre o tema na educação básica. O estudo ressalta a importância de práticas pedagógicas que promovam espaços de reflexão e problematização, permitindo que questões relacionadas às identidades, às diferenças e às relações sociais sejam abordadas de maneira educativa. Essa abordagem contribui para compreender que o silêncio diante de situações de preconceito não representa neutralidade, pois pode favorecer a permanência de práticas discriminatórias.

Na mesma perspectiva, Carrias e Almeida (2021) analisam as relações entre gênero, poder e educação a partir de uma abordagem pós-estruturalista. Os autores discutem como as práticas de escolarização participam da construção das identidades e das representações sociais, evidenciando que os discursos e as normas presentes na instituição escolar influenciam a maneira como os sujeitos são percebidos e tratados. Essa reflexão permite compreender que determinadas expectativas sobre comportamento, aparência e identidade podem funcionar como mecanismos de controle e exclusão.

Uma situação que evidencia essas relações de poder é apresentada na segunda temporada, no quinto episódio, intitulado *The Determining Acts of Her Life*. Na cena, o professor Mr. Phillips constrange Cole diante dos colegas ao associar seu comportamento a características consideradas femininas e determina que ele se sente junto às meninas, provocando risos e comentários na turma. A situação revela como determinadas expectativas sociais relacionadas ao gênero são reproduzidas no ambiente escolar por meio das próprias práticas docentes. Em vez de reconhecer a singularidade do estudante, o professor utiliza sua posição de autoridade para reforçar padrões de comportamento e expor Cole ao

constrangimento. A cena materializa a discussão sobre currículo oculto, pois transmite, mesmo sem estar presente nos conteúdos formais, mensagens sobre quais comportamentos são socialmente aceitos e quais são tratados como inadequados. Desse modo, a narrativa demonstra como as relações cotidianas podem contribuir para a reprodução de preconceitos e processos de exclusão.

Além das questões de gênero, os marcadores sociais da diferença, como classe social, raça, cultura e identidade, também atravessam as experiências escolares. As desigualdades não se manifestam de maneira isolada: diferentes características e condições sociais podem se combinar e produzir experiências específicas de discriminação e marginalização. Por isso, uma análise crítica das relações escolares precisa considerar a diversidade dos sujeitos e as condições sociais que influenciam suas possibilidades de participação e reconhecimento.

Essa discussão encontra uma representação particularmente significativa na trajetória de Ka'kwet, especialmente na terceira temporada, no quarto episódio, intitulado *A Hope of Meeting You in Another World*. Ao visitar a escola para a qual a menina foi levada, Anne percebe que Ka'kwet está submetida a um ambiente que procura apagar sua identidade cultural. Em uma das cenas, a personagem é repreendida por falar sua língua de origem, sendo obrigada a utilizar o inglês e a participar de práticas religiosas impostas pela instituição.

A situação evidencia como a escola, em vez de constituir um espaço de acolhimento e valorização das diferenças, pode ser utilizada como instrumento de dominação cultural e silenciamento das identidades. A experiência de Ka'kwet amplia a discussão sobre exclusão escolar, demonstrando que ela não se manifesta apenas nas relações interpessoais, mas também por meio de estruturas institucionais que desconsideram a história, a cultura e os modos de vida de determinados grupos sociais. Assim, a narrativa permite problematizar a responsabilidade da educação na promoção do reconhecimento cultural e no enfrentamento de práticas discriminatórias.

A partir dessas contribuições, compreende-se que o currículo oculto e as relações de poder estão presentes nas experiências cotidianas da escola, influenciando a construção das identidades e dos vínculos entre os estudantes. Essa perspectiva contribui para a análise de *Anne with an E*, cuja narrativa apresenta situações em que padrões sociais, expectativas de comportamento e preconceitos interferem nas relações estabelecidas entre os personagens.

As experiências de Anne, Cole e Ka'kwet permitem refletir sobre as formas pelas quais gênero, identidade, origem cultural e posição social podem produzir situações de silenciamento, discriminação e exclusão. Desse modo, a série possibilita problematizar o papel da escola diante das desigualdades e sua responsabilidade na construção de relações pautadas no respeito e no reconhecimento das diferenças.

Narrativas audiovisuais e formação docente

As narrativas audiovisuais constituem importantes manifestações culturais da sociedade contemporânea e podem contribuir para ampliar as discussões sobre educação, sociedade e formação humana. Por meio de imagens, diálogos, personagens e situações ficcionais, filmes e séries apresentam representações de diferentes contextos sociais, permitindo que o espectador entre em contato com experiências, conflitos e perspectivas distintas das suas. No campo educacional, essas produções podem ser utilizadas como objetos de análise e reflexão, desde que não sejam tratadas apenas como recursos ilustrativos, mas como narrativas que também expressam valores, concepções e posicionamentos sobre a realidade.

Brum, Schmidt e Santos (2023) discutem a alfabetização midiático-visual como um direito humano no contexto escolar e destacam a importância da mediação docente diante dos conteúdos consumidos pelos estudantes. Os autores ressaltam que a relação com as mídias exige competências que ultrapassam o contato com imagens e vídeos, envolvendo a capacidade de interpretar criticamente as mensagens, compreender suas representações e refletir sobre os sentidos que produzem. Essa perspectiva reforça a necessidade de preparar os professores para trabalhar com diferentes linguagens no ambiente educativo.

A discussão também é ampliada por Couto e Albuquerque (2024), que analisam produções audiovisuais elaboradas por docentes no contexto da educação on-line. O estudo evidencia que o audiovisual reúne elementos visuais, sonoros e narrativos que precisam ser considerados em sua utilização pedagógica. Embora a pesquisa esteja direcionada à produção de materiais educacionais, suas contribuições permitem compreender que o trabalho com recursos audiovisuais exige intencionalidade e planejamento, não devendo ser reduzido à simples exibição de vídeos em sala de aula.

Pirillo (2024), ao investigar as competências midiáticas na formação de professores do ensino superior, também destaca a importância de compreender a linguagem audiovisual e seus elementos pedagógicos. A pesquisa demonstra que trabalhar com materiais que articulam imagens, sons, movimentos e textos requer conhecimentos específicos para que esses recursos sejam utilizados de maneira consciente. Essa reflexão pode ser ampliada para a análise de produções ficcionais, uma vez que a compreensão de suas mensagens depende da observação dos elementos narrativos e das representações construídas ao longo da obra.

No contexto da formação docente, a aproximação entre audiovisual e educação também possibilita o exercício da reflexão crítica sobre situações que atravessam o cotidiano escolar. Martins e Coutinho (2025), ao investigarem práticas docentes relacionadas à produção audiovisual em um projeto de cinema na escola, identificam contribuições dessa experiência para a articulação entre conhecimentos pedagógicos e práticas culturais. O estudo evidencia

que o audiovisual pode favorecer experiências formativas e ampliar as possibilidades de expressão e participação no ambiente educativo.

Dessa maneira, a utilização de narrativas audiovisuais na formação docente pode favorecer a análise de diferentes concepções de ensino, relações interpessoais e situações de inclusão e exclusão. Ao observar personagens, conflitos e práticas representadas nas produções, o professor tem a oportunidade de questionar valores, reconhecer estereótipos e refletir sobre as consequências de determinadas atitudes no contexto educacional. Essa análise não significa considerar a ficção como retrato fiel da realidade, mas reconhecer seu potencial para provocar questionamentos e ampliar a compreensão sobre os desafios da educação.

Nessa perspectiva, Anne with an E constitui um objeto pertinente para a reflexão pedagógica, pois apresenta situações relacionadas à autoridade docente, à diversidade, à criatividade, às relações de gênero e às diferentes formas de exclusão. A trajetória de Anne Shirley e as experiências vivenciadas por outros personagens permitem observar como as práticas educativas e as relações sociais são representadas em uma narrativa ficcional. Assim, a série é tomada neste estudo como uma produção cultural que oferece elementos para problematizar concepções de educação e formação docente, articulando a análise audiovisual às discussões teóricas desenvolvidas ao longo deste referencial.

Metodologia

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e interpretativa, tendo como objeto de análise a série televisiva *Anne with an E*. A escolha dessa abordagem justifica-se pela possibilidade de compreender os significados, as representações sociais e as concepções pedagógicas presentes na narrativa audiovisual, considerando suas relações com questões educacionais contemporâneas. A investigação qualitativa permite examinar fenômenos em sua complexidade, considerando os contextos, as relações e os sentidos atribuídos às experiências humanas, aspecto relevante para a interpretação das situações educativas representadas na produção.

A série foi selecionada por apresentar situações relacionadas à organização do espaço escolar, às relações entre professores e estudantes, aos processos de exclusão e pertencimento e às diferentes formas de compreender o ensino e a aprendizagem. Sua narrativa possibilita estabelecer aproximações entre situações ficcionais e discussões teóricas sobre pedagogia crítica, formação docente, inclusão escolar, criatividade, currículo e relações de poder. Nesse sentido, a produção audiovisual foi considerada uma fonte de análise cultural e educacional, permitindo investigar representações sobre a escola, as relações sociais e as experiências formativas das personagens.

O corpus da pesquisa compreendeu as três temporadas da série Anne with an E, examinadas em sua totalidade, considerando a trajetória das personagens e as diferentes

situações relacionadas ao contexto educativo e social. A observação da produção buscou identificar acontecimentos narrativos que apresentassem relações com a questão de pesquisa e os objetivos estabelecidos. Embora as três temporadas tenham constituído o corpus integral da investigação, o aprofundamento interpretativo concentrou-se nas cenas consideradas relevantes para o objeto de estudo, selecionadas por sua relação com as temáticas investigadas.

Como critérios de seleção, foram priorizadas cenas que evidenciassem práticas docentes, relações interpessoais, manifestações de preconceito, conflitos pedagógicos e experiências de acolhimento ou exclusão. Também foram consideradas passagens que apresentassem manifestações de criatividade, imaginação, autonomia e resistência às normas sociais estabelecidas. Em contrapartida, foram desconsideradas situações sem relação direta com o problema investigado, especialmente aquelas centradas exclusivamente em conflitos pessoais ou acontecimentos narrativos que não apresentassem contribuição significativa para a discussão pedagógica. Essa delimitação buscou assegurar coerência entre o material audiovisual observado, os referenciais teóricos e as interpretações desenvolvidas.

O percurso investigativo foi organizado em duas frentes complementares: a revisão bibliográfica e a análise interpretativa da produção audiovisual. A revisão bibliográfica compreendeu o levantamento e a leitura de obras e pesquisas relacionadas à pedagogia crítica, à educação inclusiva, à formação docente, à imaginação, à criatividade, ao currículo e às relações de poder. Foram consideradas contribuições de autores como Freire (1996), Mantoan (2003), Vygotsky (2009), Tardif (2014), Booth e Ainscow (2011) e Florian e Black-Hawkins (2011), além de estudos mais recentes, como os de Ramalho (2022), Barak e Lefstein (2022), Guzmán e Larrain (2024), Pereira e Coutinho (2023), Santos e Ramos (2025), entre outros pesquisadores discutidos no referencial teórico. Essa etapa possibilitou construir uma base conceitual para interpretar as situações apresentadas na série, relacionando as experiências das personagens aos debates educacionais.

Para orientar a interpretação do material audiovisual, foram estabelecidas previamente quatro categorias analíticas, definidas a partir dos objetivos da pesquisa e dos referenciais teóricos que fundamentam o estudo. A primeira, denominada Pedagogia do Silêncio e da Norma: a Prática Docente Tradicional, contempla situações que evidenciam autoritarismo, disciplinamento, padronização de comportamentos e restrição da participação dos estudantes. A segunda, A Imaginação como Prática de Resistência e Ferramenta de Aprendizagem, reúne manifestações de criatividade, expressão subjetiva e construção de significados que ampliam as possibilidades de aprendizagem. A terceira, A Práxis da Inclusão: a Ruptura com o Modelo Vigente, considera experiências pedagógicas fundamentadas na escuta, no reconhecimento das diferenças, na participação e na valorização das potencialidades individuais. Por fim, a quarta categoria, Para Além dos Muros da Escola: o Currículo Oculto e os Marcadores Sociais da Exclusão, abrange situações relacionadas à reprodução de desigualdades, preconceitos e

relações de poder atravessadas por aspectos de gênero, classe social, origem e pertencimento cultural.

A interpretação das cenas foi articulada à análise de conteúdo, tomando como referência Bardin (2011), que compreende esse procedimento como um conjunto de técnicas sistemáticas de organização e interpretação das comunicações, voltadas à produção de inferências sobre o material analisado. No presente estudo, as quatro categorias previamente estabelecidas orientaram a organização temática e a interpretação das cenas selecionadas. A análise considerou os acontecimentos narrativos, as atitudes das personagens, os diálogos e as relações estabelecidas nos contextos apresentados, buscando identificar sentidos relacionados às questões educacionais investigadas.

O processo interpretativo procurou estabelecer relações entre as situações representadas na série e as discussões teóricas desenvolvidas no estudo. Foram consideradas as atitudes dos professores, as respostas dos estudantes e as condições sociais e institucionais que atravessam as experiências escolares. Dessa forma, a análise buscou ultrapassar a descrição dos acontecimentos ficcionais, estabelecendo reflexões sobre autoridade docente, autonomia, inclusão, formação de professores, imaginação, criatividade e justiça social. A articulação entre as categorias analíticas e os referenciais teóricos permitiu examinar como determinadas práticas podem reforçar mecanismos de exclusão ou favorecer experiências educativas mais participativas.

Ressalta-se que a investigação não envolveu entrevistas, questionários, observações em instituições escolares ou participação de sujeitos humanos, restringindo-se à análise bibliográfica e interpretativa de uma produção audiovisual protegida por direitos autorais. Não houve reprodução de episódios ou utilização de trechos audiovisuais no corpo do artigo. Por fim, reconhece-se que, por se tratar da interpretação de uma única produção ficcional, os resultados não possuem pretensão de generalização, mas buscam oferecer contribuições analíticas para a reflexão sobre práticas educativas, formação docente e possibilidades de construção de uma educação mais inclusiva.

Resultados e Discussão

A Pedagogia do Silêncio e da Norma: a Prática Docente Tradicional

A escola de Avonlea, sob a atuação do professor Phillips, representa, na narrativa de Anne with an E, um modelo educacional marcado pela rigidez disciplinar, pela padronização dos comportamentos e pela centralização da autoridade docente. Nas situações escolares apresentadas nas primeiras temporadas, observa-se uma organização pedagógica na qual a obediência às normas e a manutenção da disciplina ocupam posição central, enquanto a expressão individual e a participação dos estudantes encontram pouco espaço. Essa

representação permite refletir sobre práticas educativas que associam o processo de aprendizagem à submissão e à reprodução de comportamentos considerados adequados.

Um episódio significativo dessa dinâmica ocorre quando Anne, após reagir à provocação de Gilbert Blythe, é obrigada pelo professor Phillips a escrever no quadro a frase "Anne Shirley tem um gênio horrível". A situação ultrapassa a dimensão de uma simples repreensão disciplinar, pois expõe a estudante diante dos colegas e transforma a punição em uma forma de constrangimento público. Em vez de buscar compreender o contexto do conflito e promover uma reflexão sobre as atitudes envolvidas, o professor utiliza sua posição de autoridade para impor uma correção que desconsidera os sentimentos e a perspectiva da aluna. A cena evidencia como determinadas práticas disciplinares podem produzir silenciamento e afetar o sentimento de pertencimento dos estudantes ao ambiente escolar.

Essa representação dialoga com a crítica de Freire (1996) à concepção bancária da educação, na qual o professor ocupa uma posição central na transmissão do conhecimento e os estudantes são colocados em uma condição predominantemente passiva. Embora a situação retratada envolva também questões disciplinares, sua interpretação permite estabelecer uma aproximação com a crítica freireana à ausência de diálogo nas relações educativas. Quando a autoridade é exercida sem abertura à escuta e à participação, o estudante deixa de ser reconhecido como sujeito do processo educativo e passa a ser tratado como alguém que deve apenas cumprir determinações. Nesse sentido, a postura do professor Phillips representa uma prática pedagógica distante de uma educação problematizadora, na qual o diálogo e o reconhecimento dos sujeitos são fundamentais.

A discussão apresentada por Ramalho (2022), ao sistematizar fundamentos da pedagogia do oprimido, contribui para ampliar essa interpretação, especialmente quanto à dimensão dialógica da educação e à necessidade de reconhecer os sujeitos como participantes da construção do conhecimento. A partir dessa perspectiva, a relação entre professor e estudante não deve ser organizada exclusivamente pela imposição de normas, mas pela construção de condições que favoreçam a reflexão, a participação e a autonomia. No episódio analisado, a ausência de diálogo impede que o conflito seja transformado em oportunidade educativa, fazendo com que a punição se sobreponha à compreensão das relações estabelecidas entre os estudantes.

É importante destacar que a autoridade docente não representa, por si só, uma prática autoritária. A organização da sala de aula, a definição de regras e a mediação de conflitos fazem parte das responsabilidades do professor. O problema surge quando essas atribuições são exercidas por meio da humilhação, da imposição e da desconsideração das particularidades dos estudantes. A narrativa permite, portanto, distinguir autoridade pedagógica de autoritarismo, evidenciando que a manutenção da disciplina não precisa significar a eliminação do diálogo ou da expressão individual.

Portanto, a atuação do professor Phillips funciona como contraponto às concepções pedagógicas fundamentadas na participação e no reconhecimento dos estudantes. A experiência de Anne evidencia como práticas centradas na punição e na padronização podem restringir a autonomia e transformar diferenças de comportamento em motivos de exclusão. A análise dessa categoria demonstra, assim, que o ambiente escolar não é constituído apenas pelos conteúdos ensinados, mas também pelas relações de poder, pelas formas de tratamento e pelas oportunidades de participação oferecidas aos estudantes. Essa reflexão reforça a importância de práticas docentes que conciliem autoridade, responsabilidade e diálogo, reconhecendo o estudante como sujeito ativo de sua formação.

A Imaginação como Prática de Resistência e Ferramenta de Aprendizagem

Em contraposição à rigidez institucional representada pelo modelo de ensino tradicional, a imaginação assume um papel significativo na trajetória de Anne Shirley. Ao longo da narrativa de Anne with an E, a protagonista demonstra uma maneira particular de perceber e interpretar o mundo, atribuindo novos sentidos a situações, objetos e espaços cotidianos. Aquilo que, inicialmente, é compreendido por alguns personagens como excesso de fantasia ou inadequação comportamental revela-se uma forma de expressão subjetiva e de construção de significados. Nesse viés, a imaginação não aparece apenas como característica da personalidade de Anne, mas como elemento que influencia suas relações, sua identidade e suas experiências de aprendizagem.

Um exemplo dessa característica pode ser observado quando Anne atribui nomes imaginativos aos espaços que encontra em seu cotidiano, como o “Lago das Águas Brilhantes”. Ao transformar lugares comuns em ambientes carregados de significado, a personagem demonstra sua capacidade de ressignificar a realidade por meio da linguagem e da criatividade. Essa atitude revela uma forma própria de estabelecer vínculos com o ambiente, conferindo valor afetivo às experiências vividas. A imaginação, portanto, permite que Anne construa possibilidades de pertencimento mesmo diante de situações nas quais se sente deslocada ou pouco acolhida.

Essa dimensão pode ser compreendida a partir das contribuições de Vygotsky (2009), que aborda a imaginação como uma função psicológica relacionada à experiência e ao desenvolvimento humano. Nessa perspectiva, a atividade criadora não surge de maneira isolada, mas se constitui a partir das experiências acumuladas pelo sujeito, que são reorganizadas e combinadas para produzir novas possibilidades. Assim, a imaginação não representa uma fuga da realidade, mas uma forma de interpretá-la, reconstruí-la e atribuir novos sentidos às vivências. A trajetória de Anne permite visualizar essa relação, uma vez que sua criatividade se manifesta na maneira como interpreta o ambiente e transforma suas experiências em oportunidades de expressão.

Outro aspecto relevante é a criação do clube de contos, organizado por Anne e suas colegas. Esse espaço representa uma oportunidade de exercitar a escrita, a imaginação e a expressão de ideias fora das atividades escolares convencionais. Por meio das narrativas produzidas e compartilhadas, as personagens encontram possibilidades de desenvolver a criatividade, estabelecer relações de cooperação e reconhecer suas próprias capacidades. O clube também evidencia que a aprendizagem pode ocorrer em diferentes espaços e por meio de experiências que valorizem a participação e a autoria dos estudantes.

A experiência apresentada na série permite questionar concepções pedagógicas que reconhecem como legítimas apenas as formas de aprendizagem centradas na reprodução de conteúdo e no cumprimento de atividades previamente determinadas. Quando a criatividade é desconsiderada ou tratada como distração, a escola corre o risco de limitar as possibilidades de participação e desenvolvimento dos estudantes. Em contrapartida, reconhecer a imaginação como dimensão importante da aprendizagem significa compreender que os sujeitos constroem conhecimentos também por meio da curiosidade, da expressão, da criação e da relação com suas experiências.

Essa reflexão também pode ser articulada às contribuições de Dewey (2010), especialmente à compreensão de que a experiência ocupa lugar importante no processo educativo. A aprendizagem ganha significado quando o estudante estabelece relações entre aquilo que vivencia e os conhecimentos que constrói. Na narrativa, as experiências de Anne demonstram que a curiosidade e a criatividade podem favorecer formas significativas de interação com o mundo, ampliando as possibilidades de aprendizagem para além dos procedimentos escolares tradicionais.

Sendo assim, a imaginação apresentada em Anne with an E pode ser interpretada como uma forma de resistência às expectativas que procuram limitar a expressão individual e padronizar os comportamentos. Ao preservar sua criatividade e construir espaços nos quais pode compartilhar suas ideias, Anne demonstra que aprender também envolve criar, questionar e atribuir novos significados à realidade. A análise dessa categoria reforça, portanto, a importância de práticas pedagógicas que valorizem a imaginação, a autoria e as diferentes formas de expressão dos estudantes, compreendendo a criatividade não como obstáculo à aprendizagem, mas como uma de suas possibilidades.

A Práxis da Inclusão: a Ruptura com o Modelo Vigente

A chegada da professora Muriel Stacy representa uma mudança significativa na organização das práticas educativas retratadas em Anne with an E. Diferentemente do modelo tradicional, marcado pela rigidez, pela disciplina excessiva e pela centralidade da autoridade docente, Stacy propõe uma maneira de ensinar que valoriza a participação dos estudantes, a experimentação e a construção coletiva do conhecimento. Suas aulas ao ar livre e as atividades

práticas demonstram que o processo de aprendizagem não precisa estar limitado à reprodução de conteúdos ou à permanência dos alunos em uma sala de aula.

Essa postura aproxima-se da perspectiva de Schön (2000), para quem a prática profissional exige reflexão contínua diante das situações concretas que surgem no cotidiano. A atuação de Stacy evidencia essa dimensão reflexiva, pois a professora não se limita a repetir métodos estabelecidos: observa as necessidades dos estudantes, experimenta outras possibilidades e reconhece que ensinar exige abertura para transformar a própria prática. Nesse sentido, sua atuação rompe com a ideia de que existe uma única maneira de ensinar e de aprender.

Outro aspecto importante é a valorização das diferenças individuais. Ao incentivar a participação dos estudantes em atividades coletivas, como a feira de ciências, Stacy amplia as possibilidades de envolvimento e permite que diferentes habilidades sejam reconhecidas. Essa perspectiva dialoga com Mantoan (2003), ao compreender a inclusão como um processo que exige a transformação das práticas escolares, e não apenas a inserção de estudantes considerados diferentes em estruturas que permanecem inalteradas. Incluir, portanto, significa rever métodos, relações e oportunidades de aprendizagem para que todos possam participar efetivamente.

A postura da professora também se manifesta no reconhecimento das potencialidades de Anne e Cole. Ao apoiar a expressão escrita de Anne e valorizar a sensibilidade artística de Cole, Stacy demonstra que os estudantes não devem ser avaliados exclusivamente a partir de padrões rígidos de comportamento ou desempenho. Suas características individuais podem constituir caminhos legítimos para a aprendizagem e para a participação no ambiente escolar. Essa atitude contribui para questionar práticas que silenciam, desvalorizam ou marginalizam aqueles que não correspondem às expectativas predominantes.

Sob essa perspectiva, a inclusão não se resume a discursos de acolhimento ou a atitudes isoladas de gentileza. Ela exige uma práxis pedagógica comprometida com a participação, o respeito às diferenças e a superação de barreiras que dificultam a aprendizagem. A experiência representada pela professora Muriel Stacy permite compreender que a transformação da escola começa também pela disposição docente de questionar modelos estabelecidos e construir novas formas de ensinar. Assim, a série apresenta a educação inclusiva como um compromisso ético e pedagógico, no qual reconhecer cada estudante em sua singularidade é parte fundamental do processo educativo.

Para Além dos Muros da Escola: o Currículo Oculto e os Marcadores Sociais da Exclusão

A análise da série também permite compreender que os processos de exclusão não se manifestam apenas nas práticas didáticas ou nas relações estabelecidas entre professores e estudantes. Eles estão presentes em valores, comportamentos e expectativas sociais que,

muitas vezes, são reproduzidos de maneira silenciosa no cotidiano escolar. Essa dimensão pode ser relacionada ao conceito de currículo oculto, entendido como o conjunto de normas, valores e padrões de comportamento transmitidos nas relações e nas experiências escolares, mesmo quando não fazem parte dos conteúdos oficialmente planejados. Dessa forma, a escola pode tanto contribuir para a transformação social quanto reproduzir desigualdades presentes na sociedade.

A trajetória de Anne Shirley evidencia como a condição de orfandade e a situação de pobreza podem se transformar em motivos de estigmatização. A personagem enfrenta julgamentos relacionados à sua origem e à sua história de vida, sendo frequentemente observada a partir de características que a sociedade considera inadequadas. Conforme discutido por Caires e Oliveira (2021), experiências dessa natureza permitem refletir sobre como as diferenças sociais interferem nas relações educativas e na construção dos vínculos entre os sujeitos. A condição social de um estudante, portanto, não deveria determinar o modo como ele é acolhido, respeitado ou reconhecido no ambiente escolar.

Gilbert Blythe também vivencia situações de preconceito relacionadas à instabilidade econômica de sua família. Sua trajetória demonstra que as desigualdades materiais podem interferir na maneira como os indivíduos são percebidos e nas oportunidades que encontram. Já Cole apresenta outra dimensão da exclusão: sua sensibilidade artística e sua expressão de gênero, que não correspondem às expectativas predominantes em seu contexto social, tornam-se motivos de discriminação. Sua experiência evidencia como padrões rígidos de masculinidade podem limitar a liberdade de expressão e comprometer o sentimento de pertencimento. Esses exemplos mostram que a exclusão não decorre de uma única condição, mas pode assumir diferentes formas, atravessadas por fatores sociais e culturais.

A trajetória de Ka'kwet amplia essa discussão ao apresentar os efeitos do colonialismo e do racismo sobre os povos indígenas. A representação das escolas residenciais destinadas a crianças indígenas expõe práticas de violência e apagamento cultural, revelando como a educação também pode ser utilizada como instrumento de dominação quando desconsidera a identidade, a história e os modos de vida de determinados grupos. Nesse caso, a narrativa ultrapassa as questões relacionadas à convivência escolar e evidencia a dimensão histórica e estrutural da exclusão. É importante perceber que a experiência da personagem não representa apenas um conflito individual, mas remete a processos de opressão que atingiram comunidades inteiras.

Outro aspecto relevante é a presença do machismo estrutural, perceptível na desvalorização das aspirações intelectuais e dos projetos de vida das mulheres. Como discute Melo (2022), a narrativa permite observar como as expectativas sociais relacionadas ao gênero podem restringir as possibilidades de participação feminina. As experiências das personagens

demonstram que o acesso ao conhecimento e à autonomia também é atravessado por relações de poder que precisam ser problematizadas no espaço educativo.

Essas situações permitem compreender que a escola não está isolada das desigualdades existentes na sociedade. Ao contrário, pode reproduzir preconceitos e hierarquias quando naturaliza determinados padrões de comportamento, valoriza algumas identidades em detrimento de outras ou deixa de reconhecer as diferentes realidades dos estudantes. Por isso, a construção de uma educação inclusiva exige mais do que adaptações metodológicas: requer uma postura crítica diante das estruturas que produzem silenciamento, discriminação e desigualdade.

Assim, *Anne with an E* contribui para a reflexão sobre a responsabilidade social da educação ao mostrar que ensinar também envolve reconhecer as relações de poder presentes no cotidiano e questionar práticas que impedem determinados sujeitos de participar plenamente da vida escolar. A inclusão, nessa perspectiva, não pode ser compreendida apenas como acolhimento individual, mas como compromisso coletivo com o respeito às diferenças, a valorização das identidades e a construção de relações mais justas e democráticas.

Considerações Finais

A presente pesquisa teve como objetivo analisar as reflexões pedagógicas suscitadas pela série Anne with an E, considerando as práticas educativas representadas, as relações estabelecidas no ambiente escolar e os processos de inclusão e exclusão vivenciados pelas personagens. A análise permitiu compreender que a narrativa audiovisual ultrapassa o entretenimento e oferece possibilidades relevantes de reflexão sobre questões educacionais, especialmente aquelas relacionadas à formação docente, à valorização das diferenças e à construção de práticas pedagógicas inclusivas.

Os resultados evidenciaram a presença de diferentes concepções de educação na narrativa. De um lado, observa-se um modelo tradicional, representado pela atuação do professor Phillips, marcado pelo autoritarismo, pela padronização dos comportamentos e pelo silenciamento dos estudantes. De outro, a prática da professora Muriel Stacy apresenta possibilidades de ruptura com esse modelo, ao valorizar a participação, a experimentação, a criatividade e as potencialidades individuais. Esse contraste demonstra que as escolhas pedagógicas dos professores influenciam diretamente as experiências escolares e as oportunidades de aprendizagem dos estudantes.

Outro aspecto identificado foi a importância da imaginação como dimensão constitutiva da aprendizagem e da formação humana. A trajetória de Anne demonstra que a criatividade não deve ser compreendida como inadequação ou desvio das normas escolares, mas como uma possibilidade de interpretar, ressignificar e compreender a realidade. Nesse

sentido, as experiências da personagem reforçam a necessidade de práticas educativas que reconheçam diferentes formas de expressão e favoreçam a autonomia dos estudantes.

A análise também revelou que os processos de exclusão ultrapassam as relações estabelecidas dentro da sala de aula. As experiências de Anne, Gilbert, Cole e Ka'kwet evidenciam como fatores relacionados à classe social, ao gênero, à identidade cultural e à origem podem produzir preconceitos e limitar a participação dos sujeitos na vida escolar e social. A discussão sobre o currículo oculto, portanto, reforça que a inclusão exige o enfrentamento das desigualdades e a construção de ambientes educativos comprometidos com o respeito às diferenças e com a justiça social.

No campo da formação docente, o estudo destaca o potencial das produções audiovisuais como recursos para a reflexão crítica. A análise de *Anne with an E* pode contribuir para que professores em formação e profissionais da educação problematizem suas concepções de ensino, suas relações com os estudantes e as práticas que desenvolvem no cotidiano escolar. Não se trata de tomar a ficção como representação integral da realidade educacional, mas de utilizá-la como ponto de partida para discutir situações, valores e conflitos que também atravessam as instituições de ensino.

Reconhecem-se, entretanto, os limites desta investigação. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa e interpretativa, centrada em uma única produção audiovisual, os resultados não permitem generalizações sobre a realidade das instituições escolares. As interpretações apresentadas correspondem às possibilidades de análise construídas a partir da narrativa selecionada e do diálogo com o referencial teórico adotado. Como possibilidade de continuidade, sugerem-se estudos comparativos com outras produções audiovisuais, bem como pesquisas empíricas que investiguem como professores e estudantes interpretam essas narrativas e as relacionam às suas experiências educativas. Também se considera pertinente aprofundar as discussões sobre a representação dos povos indígenas na trajetória de Ka'kwet.

Conclui-se que Anne with an E constitui uma obra relevante para o debate pedagógico por possibilitar reflexões sobre os limites de práticas educativas normativas e sobre a importância de uma educação comprometida com a inclusão, a escuta e a valorização da singularidade humana. Ao articular a narrativa ficcional às discussões teóricas da educação, este estudo reafirma que a formação docente exige sensibilidade, reflexão crítica e disposição para reconhecer os diferentes sujeitos que constituem o espaço escolar. Afinal, construir uma educação mais justa implica compreender que ensinar não é apenas transmitir conhecimentos, mas também criar condições para que todos possam aprender, participar e ser reconhecidos em suas diferenças.

Declaração ética

Este estudo foi conduzido em conformidade com os princípios éticos aplicáveis à pesquisa científica. A participação dos respondentes ocorreu de forma voluntária, mediante consentimento livre e esclarecido, sendo garantidos o anonimato, a confidencialidade dos dados e o direito de desistência a qualquer momento. Todas as fontes utilizadas foram devidamente citadas, assegurando a integridade acadêmica e o respeito às normas de ética em pesquisa.

Declaração de conflito de interesses

Os autores afirmam que não possuem quaisquer interesses financeiros, comerciais, pessoais ou acadêmicos que possam ter influenciado os resultados ou a interpretação deste manuscrito.

Declaração de uso de inteligência artificial

Ferramentas de inteligência artificial generativa foram utilizadas exclusivamente para tarefas de edição linguística, padronização de referências e aprimoramento da clareza textual. As ferramentas não foram empregadas para gerar ideias, hipóteses, interpretações, análises, resultados ou conclusões científicas. Os autores confirmam que o manuscrito não contém conteúdo fabricado, manipulado ou produzido integralmente por IA, e que todas as informações foram verificadas manualmente. Os autores assumem total responsabilidade ética e científica pelo conteúdo final.

REFERÊNCIAS

Ainscow, M. (2020). Promoting inclusion and equity in education: Lessons from international experiences. *Nordic Journal of Studies in Educational Policy, 6*(1), 7–16. https://doi.org/10.1080/20020317.2020.1729587

Barak, M., & Lefstein, A. (2022). Above the law? The democratic implications of setting ground rules for dialogue. *Language and Education, 36*(3), 195–210. https://doi.org/10.1080/09500782.2021.1981923

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo [Content analysis]*. Edições 70.

Barrios Gonzales, A. (2020). A educação em direitos humanos e o currículo oculto: Considerações teórico-práticas sobre o cotidiano escolar brasileiro [*Human rights education and the hidden curriculum: Theoretical and practical considerations on Brazilian school life*]. *Educación, 29*(56), 7–26. https://doi.org/10.18800/educacion.202001.001

Booth, T., & Ainscow, M. (2011). *Index for inclusion: Developing learning and participation in schools* (3rd ed.). Centre for Studies on Inclusive Education.

Brum, A. R., Schmidt, S. P., & Santos, V. B. (2023). Alfabetização midiática-visual: Um direito humano na escola [*Visual media literacy: A human right in school*]. *Educação em Revista, 39*. https://doi.org/10.1590/0102-469841688

Caires, C. C. S., & Oliveira, C. S. (2021). A representação social da órfã na série *Anne with an E* [*The social representation of the orphan in the series Anne with an E*]. In *Anais do VII Congresso Nacional de Linguagens e Representações*. UESC.

Carrias, E. V., & Almeida, I. M. M. Z. P. de. (2021). Relações de gênero, poder e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista [*Gender relations, power and education: A poststructuralist perspective*]. *Reflexão e Ação, 29*(1), 68–83. https://doi.org/10.17058/rea.v29i1.14436

Couto, E. S., & Albuquerque, M. R. de. (2024). Audiovisual na educação online: Análise de produções docentes [*Audiovisual in online education: Analysis of teaching productions*]. *Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância, 24*(1), 36–54. https://doi.org/10.17143/rbaad.v24i1.735

Da Silva, T. E., & Guimarães, G. C. (2019). A educação em *Anne with an E*: Um olhar sobre o século XIX [*Education in Anne with an E: A look at the nineteenth century*]. *Revista HISTEDBR On-line, 19*, e019041.

Dal Bó, R. G., Zwierewicz, M., Garrote Jurado, R., González Velasco, J. M., Lehmkuhl, M. de S., & Baade, J. H. (2022). Teacher education towards educational inclusion from the perspective of master's and doctoral research. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, 38*(1). https://doi.org/10.1590/1678-460X202257177

Dewey, J. (2010). *Arte como experiência [Art as experience]*. Martins Fontes.

Florian, L., & Black-Hawkins, K. (2011). Exploring inclusive pedagogy. *British Educational Research Journal, 37*(5), 813–828. https://doi.org/10.1080/01411926.2010.501096

Freire, E. C. (2019). O currículo e suas implicações nas relações sociais de gênero entre estudantes do ensino fundamental [*The curriculum and its implications for gender social relations among elementary school students*]. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, 100*(255), 405–422. https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.100i255.4108

Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa [Pedagogy of autonomy: Knowledge necessary for educational practice]*. Paz e Terra.

Freitas, R. F. de, & Franco, M. A. M. (2022). Práticas pedagógicas na educação especial, formação docente e pesquisa-ação: O que dizem as pesquisas [*Pedagogical practices in special education, teacher education and action research: What research says*]. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, 17*(3), 1714–1735. https://doi.org/10.21723/riaee.v17i3.15971

Giroux, H. A. (1988). *Teachers as intellectuals: Toward a critical pedagogy of learning*. Bergin & Garvey.

Giroux, H. A., & Simon, R. I. (1988). Schooling, popular culture, and a pedagogy of possibility. *Journal of Education, 170*(1), 9–26. https://doi.org/10.1177/002205748817000103

Grossklaus, C. H. S., et al. (2022). A abordagem de temas sensíveis em sala de aula através da série *Anne with an E* [*Addressing sensitive topics in the classroom through the series Anne with an E*]. *Revista Thema, 21*(2), 302–316.

Guzmán, V., & Larrain, A. (2024). The transformation of pedagogical practices into dialogic teaching: Towards a dialogic notion of teacher learning. *Professional Development in Education, 50*(4), 716–729. https://doi.org/10.1080/19415257.2021.1902837

Leontjev, D., & DeBoer, M. (2025). Teacher as creator: Orchestrating the learning environment to promote learner development. *Language Teaching Research, 29*(6). https://doi.org/10.1177/13621688221117654

Mantoan, M. T. E. (2003). *Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer? [School inclusion: What is it? Why? How to do it?]*. Moderna.

Marconi, L. P., Santos, D. A. do N. dos, & Costa, M. L. F. (2021). Revisão sistemática sobre a produção científica sobre escola inclusiva e políticas educacionais de inclusão no Brasil [*Systematic review of scientific production on inclusive schools and educational inclusion policies in Brazil*]. *Revista Cocar, 15*(32), 753–802. https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4193

Martins, K. J., & Coutinho, L. M. (2025). Cinema na escola: Mídia-educação e práticas docentes audiovisuais [*Cinema at school: Media education and audiovisual teaching practices*]. *Revista Inter-Ação, 50*(2), 848–863. https://doi.org/10.5216/ia.v50i2.82746

McLaren, P. (2015). *Life in schools: An introduction to critical pedagogy in the foundations of education* (6th ed.). Routledge.

Melo, B. A. A. R. (2022). Anne with an "E": Uma análise da representação feminina e do feminismo na obra [*Anne with an "E": An analysis of female representation and feminism in the work*]. *Caderno de Gênero e Diversidade, 8*(1), 110–128.

Pereira, C., & Coutinho, D. J. G. (2023). Práticas pedagógicas na educação inclusiva no Brasil: Revisão sistemática (2008–2018) [*Pedagogical practices in inclusive education in Brazil: A systematic review (2008–2018)*]. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, 9*(7), 236–245. https://doi.org/10.51891/rease.v9i7.10597

Pirillo, N. R. (2024). *Competências midiáticas na formação docente para o ensino superior: Análise de elementos pedagógicos e audiovisuais em videoaulas [Media competencies in teacher education for higher education: Analysis of pedagogical and audiovisual elements in video lessons]* (Tese de doutorado, Universidade de São Paulo).

Ramalho, R. R. (2022). Modelo analítico da pedagogia do oprimido: Sistematização do método Paulo Freire [*Analytical model of the pedagogy of the oppressed: Systematization of Paulo Freire's method*]. *Revista Brasileira de Educação, 27*, e270007. https://doi.org/10.1590/S1413-24782022270007

Santana, C. G., Messias, F. R., & Pinho, M. J. S. (2021). Gênero, sexualidade e escola: O que e quem tem pesquisado na educação básica? [*Gender, sexuality and school: What and who has been researched in basic education?*]. *RevNUPE, 1*(1), e202106.

Santos, A. R. T. dos, & Ramos, W. M. (2025). Imaginação criadora na aprendizagem escolar durante a primeira infância: Conceitos, metodologias e práticas docentes [*Creative imagination in early childhood school learning: Concepts, methodologies and teaching practices*]. *Psicologia Escolar e Educacional, 29*, e266537. https://doi.org/10.1590/2175-3539-2025-266537

Schön, D. A. (2000). *Educando o profissional reflexivo: Um novo design para o ensino e a aprendizagem [Educating the reflective practitioner: A new design for teaching and learning]*. Artmed.

Taylor, L., & Hikida, M. (2020). Unpacking everyday critical pedagogy: Languaging critique and dialogue. *Literacy Research: Theory and Practice, 69*(1), 266–284. https://doi.org/10.1177/2381336920937268

UNESCO. (2020). *Global education monitoring report 2020: Inclusion and education: All means all*. UNESCO.

Vitiello, M. A., & Cacete, N. H. (2021). Currículo, poder e a política do livro didático de geografia no Brasil [*Curriculum, power, and geography textbook policy in Brazil*]. *Revista Brasileira de Educação, 26*, e260013. https://doi.org/10.1590/S1413-24782021260013

Vygotsky, L. (2009). *Imaginação e criação na infância [Imagination and creativity in childhood]*. Ática.

Whitton, N., Goodley, C., Lewin, C., & Woolley, D. (2025). The magic circle of learning: A framework of play in education. *Postdigital Science and Education, 7*, 542–559. https://doi.org/10.1007/s42438-025-00558-9

Disponibilidade de dados

Os dados subjacentes a pesquisa estão informados no artigo

Editores responsáveis

Dr. Alberto Lopo Montalvão Neto

Dr. José Crisólogo de Sales Silva